



**DIÁSPORA NO ATLÂNTICO E REGRESSO
TRIUNFAL DO IMPERADOR NGUNI
AO OCEANO ÍNDICO EM “OS OSSOS DE
NGUNGUNHANA” (2004), DE MARCELO
PANGUANA**

***THE ATLANTIC DIASPORA AND THE NGUNI
EMPEROR’S TRIUMPHAL RETURN TO THE INDIAN OCEAN
IN “OS OSSOS DE NGUNGUNHANA” (2004), BY MARCELO
PANGUANA***

Denise Rocha¹.

RESUMO: Preso, Ngungunhana, imperador de Gaza (c. 1850-1906), foi levado com séquito para Lisboa (1896) e depois para os Açores. Em 1985, uma urna com os restos mortais dele chegou em Maputo para homenagens retumbantes. O estudo do exílio/retorno, presente em “Os Ossos de Ngungunhana” (2004), de Marcelo Panguana, será realizado segundo as teorias da diáspora (Hall), da diáspora negra (Gilroy) e da identidade cultural (Hall).

PALAVRAS-CHAVE: literatura moçambicana; “Os Ossos de Ngungunhana”; diáspora; fantástico; história.

ABSTRACT: Under arrest, Ngungunhana, Gaza Emperor (c.1850-1906), was taken with his entourage to Lisbon (1896) and afterwards to the Azores. In 1985, a funeral box with his remains arrived in Maputo for resounding posthumous tribute. The study of the exile/return, described in “Os Ossos de Ngungunhana” (2004), by Marcelo Panguana, will be accomplished according to the theories of diaspora (Hall), of the Negro diaspora (Gilroy) and of the cultural identity (Hall).

KEYWORDS: *Mozambican Literature*; “Os Ossos de Ngungunhana”; *diaspora*; *fantastic*; *history*.

¹ PPGLetras-CAPES, UFC, Fortaleza-CE Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. dena.maria@outlook.com Estágio Pós-Doutoral, sob supervisão da Profa. Dra. Ana Márcia Alves Siqueira, do Programa de Pós-Graduação em Letras.

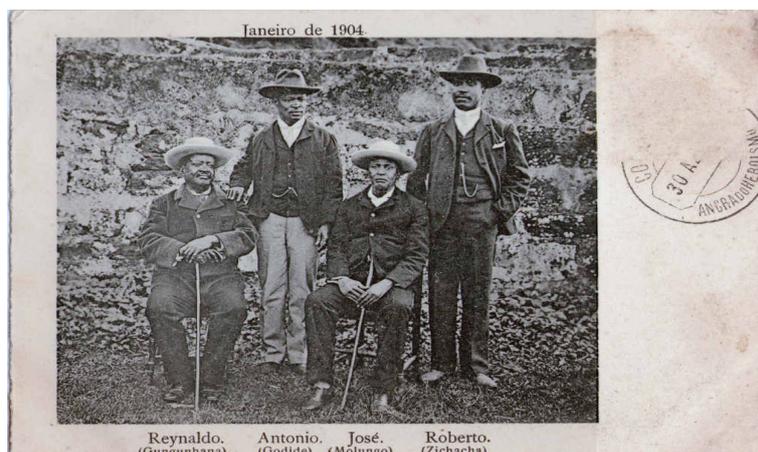


Figura 1- O Imperador e sua corte na diáspora (Açores) com nomes e trajes europeus

1. Introdução

O conto “Os Ossos de Ngungunhana” (2004)², de Marcelo Panguana evoca a memória, a história, a cultura e a identidade moçambicana e mescla realidade e fantasia: A inusitada ação, que transgride as percepções de tempo e espaço, inicia-se no cemitério de Angra do Heroísmo (Açores), onde vivem ali sepultados, desde o início do século XX, os presos políticos exilados – Ngungunhana, o imperador³ da etnia nguni⁴ (conhecida também como vátua⁵), o herdeiro Godide, o conselheiro Molungo e o régulo Zichacha (personagens históricas) – e termina em Maputo, no período pós-colonial (1985).

A atmosfera da última residência da nobreza de Gaza – cujo território pátrio abrangia o sul e o centro de Moçambique e parte da antiga Rodésia, atual Zimbábue (BRETES, 1989, p. 76), mas, que, na diáspora atlântica, se reduzira a singelas campas no cemitério açoriano, no qual, segundo o conto, vivos e mortos coabitam em relativa harmonia – é rompida, quando o coveiro Aleixo traz uma notícia de jornal de teor bombástico: a do planejado regresso do imperial hóspede para Maputo, a fim de ser homenageado como símbolo da luta contra o invasor português.

A existência diaspórica do imperador – transportado, em 1895, pelo oceano, região proibida para sua etnia, em viagem sem volta, que foi revogada quase cem anos mais tarde, de forma simbólica – será

2 O nome do imperador tem diferentes ortografias: Ngungunhane, Ngungunyane, Gunguhane, Ngungunhana, Gunguiana e Gungunhana.

3 O título rei ou imperador não é mencionado em documentos oficiais portugueses, em evidente desrespeito ao imenso poder político, econômico e militar dos ngunis, oriundos da África do Sul, que subjugaram outras etnias de Moçambique. O termo régulo substitui o de rei. Vale lembrar que os chefes de etnias locais ([rongas (tsongas), chopos, vandaus, cossas e bitongas], avassaladas aos ngunis, também eram chamados de régulos pelos lusos.

4 Aproximadamente em 1520, o povo nguni, um ramo dissidente dos zulus, penetra no sul de Moçambique e coloniza os chopos, os tsongas, os vandaus e os bitongas. Sochangane, denominado mais tarde de Manukuse, se torna o primeiro rei de Gaza e morre por volta de 1858.

Um de seus filhos, Mawewe, usurpa o poder que é reconquistado pelo legítimo herdeiro, Muzila, pai de Mudungazi, o qual se denominou Ngungunhane (nascido c.1850), quando ascendeu ao poder, de forma violenta (PÉLISSIER, 2000, p. 119-128), no ano de 1884, que marca o início da Conferência de Berlim, por meio da qual foi feita a partilha da África (1884-85). (GARCIA, 2008, p. 18-21).

5 Nos documentos portugueses aparece o termo vátuas como sinônimo de ngunis. Na obra *Guerra d’África em 1895: memórias*, o autor Antonio Ennes, que foi Comissário Régio em Moçambique, quando Ngungunhane foi preso (1895), esclarece que: “vátuas é corrupção de bathuas, nome ronga dos mangune ou ngonni”. (ENNES, 1898, p. 45). Nesse texto, como em outros escritos portugueses, é mencionada a palavra mangune (mangone) como corruptela de nguni.



analisada sob a perspectiva de “Os Ossos de Ngungunhana” (2004), segundo as teorias da diáspora e do pertencimento (Hall), da diáspora negra (Gilroy) e da identidade cultural (Hall).

2. Diáspora⁶ e pertencimento (Hall) e diáspora negra (Gilroy)

Na palestra “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”, publicada na obra *Diáspora: identidades e mediações culturais*, Hall explica:

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária da diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. (HALL, 2011, p. 32 e 33)

Para Hall, a situação social dialética é pautada nas diferenças: o “eu” e o “outro”/ o estranho, o interno e o externo e o centro e a periferia. Além disso, o autor enfatiza que “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2011, p. 26), indicando que o ser exilado não fica imune às influências socioculturais de sua nova pátria, conforme se nota na trajetória de Ngungunhana. Hall questiona, para o sujeito, as consequências de sua existência diaspórica: “Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu “pertencimento”? (HALL, 2011, p. 26)

Na obra *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência* (2012, cap. 6, p. 351-416 - “Uma história para não se passar adiante”: a memória viva e o sublime escravo), Paul Gilroy define a modernidade a partir do conceito de diáspora negra⁷. Ele evoca a específica rota marítima atlântica que é:

[...] inerente, por exemplo, às narrativas de perda, exílio e viagens que, como determinados elementos de interpretação musical, cumprem uma função mnemônica: dirigir a consciência do grupo de volta a pontos nodais importantes em sua história comum e sua memória social. O contar e o recontar dessas histórias desempenha um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo “racial” e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa – as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade.

(GILROY, 2012, p. 370)

Como inserir a viagem sem volta para o Atlântico do imperador de Gaza e membros da corte, pessoas negras e livres, na reflexão de Gilroy?

6 “O termo diáspora (em grego clássico διασπορά, “dispersão”) define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. O termo “diáspora” é usado com muita frequência para fazer referência à dispersão do povo judaico no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia, no século VI a. C. e, especialmente, depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Em termos gerais, diáspora pode significar a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo”. (DIÁSPORA, *on-line*. s.d.)

7 A diáspora negra transatlântica iniciou-se no século XVI, depois da abertura do tratado mercantil, na barra do Congo, localizada na África ocidental central, e do deslocamento das correntes escravistas de Portugal para o Atlântico, principalmente para as ilhas da Madeira e de Cabo Verde, onde os portugueses implantaram a lucrativa lavoura de cana-de-açúcar. Em 1549 foi autorizado o comércio de “peças” africanas com a transição das fontes da região Senegâmbia (Guiné) para a terra dos Ngolas (Angola), que possibilitou a chegada da mão-de-obra escrava via Luanda para o porto de Salvador, que foi um dos principais receptores de cativos africanos e de onde muitos foram redirecionados para outros locais da América portuguesa. (VANSINA, 2010, p. 7).

2.1 A diáspora atlântica: A derrocada de Ngungunhana (1895)

A prisão de Ngungunhana⁸, no dia 28 de dezembro de 1895, deve ser entendida no imbricamento de duas situações da política externa europeia. De um lado, no contexto da Conferência de Berlim (1884-1885)⁹ e da humilhação sofrida por Portugal que recebeu um Ultimato do governo britânico em 1890¹⁰. E, de outro, na atitude ousada de Ngungunhana, que, apesar do tratado de vassalagem com os lusos (25 de junho de 1895), estabeleceu relações comerciais com a Grã-Bretanha¹¹, fato que provocou a ira do rei de Portugal que organizou as “guerras de pacificação” para conter os rebeldes¹².

O cerco a Ngungunhana no mês de dezembro estava sendo feito por Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque (1855-1902), governador militar de Gaza, que se aproximava de Chaimite, onde o imperador e membros da realeza se escondiam por causa do alto teor destruidor das metralhadoras utilizadas pelos lusos contra as zagaias e espingardas do seu exército.

No dia 27 de dezembro de 1895, o imperador enviou, para se encontrar com os portugueses, Godide, o herdeiro, a fim de “pegar pé”, jurar vassalagem¹³. No dia marcado por Ngungunhana para se entregar, Mousinho e sua tropa marcharam a noite toda, apesar da chuva torrencial, e chegaram depois das 6 horas e meia da manhã nas cercanias de Chaimite, onde estava sendo aguardado. Embora se tratasse de uma entrega combinada, Mousinho enfatizou no relatório oficial a heroica “captura” do senhor de Gaza.

Escoltados, na manhã de 28 de dezembro, a pé, Ngungunhana com sete concubinas (Namatuco, Fussi, Patihina, Muzamussi, Maxaxa, Hesipe e Dambondo), Godide, Molungo, o tio real, Matibejana, régulo de Zichacha, e suas três mulheres (Pambone, Oxóca e Debeza) chegam ao rio Limpopo,

8 As relações diplomáticas dos imperadores ngunis com os portugueses (mulungos) foram estabelecidas por meio de tratados de vassalagem: Muzila (27 de maio de 1861) e seu filho Ngungunhana (25 de julho de 1895). Neles foram estabelecidos: as formas de pagamentos de tributos (impostos de palhota, conhecido como mussulo); a autorização para caça de marfim; o hasteamento da bandeira portuguesa nas aldeias; a construção de presídios e fortes; o envio de crianças da nobreza para estudo em escolas portuguesas, etc.

9 Na Conferência de Berlim foi estabelecido o princípio de que as exigências sobre as colônias se efetuariam não a partir das descobertas anteriores, mas sim desde a prova de ocupação efetiva dos territórios com presença de aparato administrativo colonial e de controle militar.

10 A Grã-Bretanha exigia a retirada das forças militares lusas do território localizado entre as colônias de Moçambique e Angola (mapa cor de rosa). O governo e o rei D. Carlos I cederam logo às pressões e tal atitude submissa provocou uma grande reação raivosa em Portugal. (O ULTIMATO de 1890, *on-line*, s.d.)

Na época, a capital de Moçambique era a ilha do mesmo nome e Lourenço Marques, atual Maputo, estava no sul do território continental que era parte do vasto império de Gaza. Portugal tinha presença física na região central e no norte de Moçambique, onde se localizavam as grandes instalações e estavam os entrepostos comerciais de comércio com o Oriente.

11 O reino de Gaza era alvo de interesse da Grã-Bretanha devido à descoberta de diamantes (1866), em Kimberley, na república *boer* do Transvaal (União Sul Africana). Para a otimização do comércio inglês foi construída a estrada de ferro Transvaal-Lourenço Marques, cujo porto era a principal saída marítima da região. Além disso, a coroa inglesa visava unir o Cairo, no Egito, à Colônia do Cabo, na África do Sul, ocupando Moçambique (CABAÇO, 2009, p. 62).

No ano de 1890, a British South African Company (BSAC), de Cecil Rhodes, iniciou um projeto de expansão e Ngungunhana outorgou a essa companhia uma concessão mineira e o acesso ao mar, mediante pagamento de uma taxa anual, 1000 espingardas e 20000 cartuchos. (SANTOS, 2007, p. 170).

12 As “guerras de pacificação” ocorreram, no ano de 1895, em três fases, nas quais a tática portuguesa do quadrado com metralhadoras foi superior ao embate com espingardas e zagaias: a *primeira fase*, batalha de Marracuene (2 de fevereiro) e batalha de Magul (8 de setembro), sem a participação do exército de Ngungunhana; a *segunda fase*: a batalha de Coolela (7 de novembro) sob a responsabilidade do coronel Galhardo, contra as mangas (regimento) do imperador; e a última fase: a invasão da capital Manjacase, o saque e o incêndio (11 de novembro), a prisão de Ngungunhana em Chaimite (28 de dezembro).

13 Seu filho predileto oferecia 63 cabeças de gado, 510 libras e 2 pontas de marfim e: “Trazia um pedido do régulo para que [Mousinho] não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria n’essa noite ou na manhã seguinte”. (ALBUQUERQUE, 1896, p. 16).



próximo ao Chengane onde são hostilizados por membros de etnias subjugadas, principalmente o imperador que governara com mão de ferro.

Álvaro Soares de Andréia, Comandante da canhoneira Capelo, que estava ancorada à foz do rio Chengane para receber os cativos, embarcados em 30 de dezembro, escreveu o relatório *A Marinha de Guerra na campanha de Lourenço Marques e contra Gungunhana*, o qual informa:

Que provação imensa não terá sido para ele este dia de infortúnio; choviam trechos de *incuaia*, insultos, cuspiam-lhe das margens, ameaçavam-no de lá com as zagaias e ele tudo observava com os olhos arrasados de lágrimas, mordendo os lábios e abafando em soluços toda a mágoa que lhe ia na alma. Coitado!

E. assim nos expressamos, porque supomos que os negrófilos nos permitirão admitir que os negros tenham alma, senão igual, pelo menos parecida com as dos homens de outras raças. (ANDRÉIA. *Apud*: VILHENA, 1999, p. 147)

O grupo segue para Lourenço Marques, cidade litorânea no Índico, onde, aterrorizado, pois o mar para os ngunis era interdito, embarca no vapor África, perante milhares de súditos que saudavam o rei de Portugal.

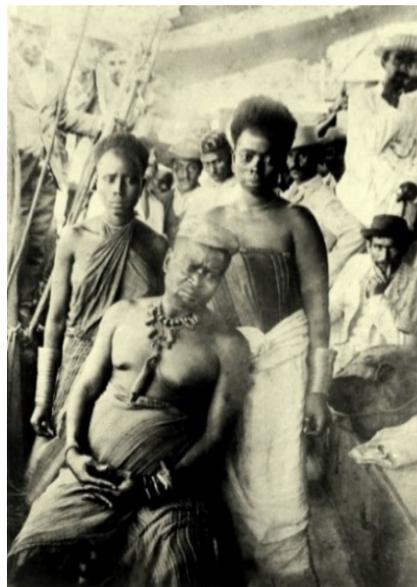


Figura 2- Ngungunhana e duas concubinas, a bordo do vapor português África, rumo a Lisboa, cercados de curiosos. (Edição do *Diário Ilustrado*, n. 3:256, 15 de março de 1896)

No dia 23 de março, os prisioneiros de guerra com respectivas concubinas chegam a Lisboa¹⁴ e desfilam em carro aberto, expostos a todo tipo de execração pública. As mulheres foram desterradas para São Tomé. Sem julgamento em tribunal de guerra e sem que seus direitos humanos tivessem sido realmente preservados, em 27 de junho de 1896, Ngungunhana e os nobres – Godide, Molungo e Zichacha – seguem

14 A notícia do encarceramento de Ngungunhana teve uma grande repercussão na metrópole, conforme menciona Douglas L. Wheeler no artigo *Joaquim Mouzinho de Albuquerque (1855-1902) e a política do colonialismo*:

“[...] a reacção popular foi sensacional e inigualável, havendo comemorações por toda a parte. Os portugueses, desde o nobre da corte de D. Carlos I até ao pé-descalço de Lisboa e do Porto, regozijaram-se e festejaram o acontecimento. Numa época de “pessimismo colonial”, de derrotismo e de desencanto nacional, os feitos militares de 1895 desse oficial invulgar galvanizaram a opinião pública e despertaram o sentimento nacionalista. Numa época sem heróis, Portugal tinha agora um “herói de África” capaz de feitos comparáveis aos dos outros heróis coloniais contemporâneos da Inglaterra e da França. De um dia para o outro, os Portugueses – estimulados por uma imprensa entusiástica – fizeram do nome de “Mouzinho” uma palavra familiar”. (WHEELER, 1980, p. 301).

para a ilha Terceira, desembarcam em Angra do Heroísmo, para residir na Fortaleza de São João Batista. Alfabetizados e batizados, eles recebem nomes e trajes europeus.

O captor de Ngungunhana, Mousinho de Albuquerque, considerado herói nacional, se suicida, em Lisboa, em 8 de janeiro de 1902. O imperador desterrado morre no dia 23 de dezembro de 1906.

2.1.1. O retorno de Ngungunhana em 1985



Figura 3- Urna de Ngungunhana na Fortaleza de Nossa Senhora de Maputo
(entalhes com imagens de guerreiros e cenas do cotidiano)

Em visita a Portugal, no ano de 1983, o presidente moçambicano, Samora Machel (1933-1986), líder da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) solicitou ao presidente Rodrigues Eanes (MEMÓRIA, 2004, *on-line*), a trasladação do corpo do imperador Ngungunhana.

O objetivo de organizar o regresso do antigo soberano de Gaza era sedimentar a construção de uma narrativa institucional da nação moçambicana que até o século XIX não existia como entidade sociocultural e política una. No entanto, fora habilmente camuflado pelo governo que Ngungunhana era da dinastia dos nguni, um ramo dissidente dos zulus do sul da África, que tinha invadido e subjugado, de forma violenta, diversas etnias, como as dos chopos, tsongas, vandaus e bitongas. (MEMÓRIA, 2004, *on-line*).

Da ilha Terceira, por Lisboa a Maputo, a trajetória dos restos mortais de Ngungunhana adquiriu uma dimensão mítica, alicerçada em um projeto de construção de uma política de identidade coletiva moçambicana.

No dia 15 de julho de 1985, durante as celebrações do 10º aniversário da independência de Moçambique, a urna de madeira de Ngungunhana foi entregue ao presidente Machel¹⁵ (MORENO, 2010, p. 135) em uma cerimônia solene para honrar a memória do herói nacional que resistiu bravamente até sua captura ao processo de expansão do colonialismo luso.

A urna funerária encontra-se na Fortaleza de Nossa Senhora de Maputo, onde estão o Museu de História Militar, dois painéis de bronze que retratam a luta dos ngunis (vátuas) contra os portugueses e o momento da prisão do imperador. Um painel de azulejos também mostra a saga dele e de seu povo contra o colonizador. No pátio da Fortaleza está uma estátua equestre de Mousinho, seu captor na batalha de Chaimite (1895).

O conto “Os Ossos de Ngungunhana” (2004) aborda o episódio do regresso da urna funerária, depositada na Fortaleza, nas proximidades de Mousinho. No âmbito da narrativa de Marcelo Panguana é destacada a crise de identidade do “sujeito” (Hall) após o retorno a uma capital pós-colonial.

15 A província de Gaza é berço de três líderes da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO): Eduardo Mondlane, Joaquim Chissano e Samora Machel.



3. Identidade cultural (Hall)

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall tece considerações sobre três diferentes tipos de pessoas: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro é centrado, unificado: ao nascer carrega seu núcleo (centro) essencial, demarcado pela sua característica individual. O segundo tem a identidade formada por interação, baseada no ambiente e classe social e cultural, sofrendo influência do mundo exterior. A identidade constitui-se a partir das experiências, o que estabiliza o sujeito e seus mundos culturais: “tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (HALL, 2003, p. 10) O terceiro rompe com o sujeito do Iluminismo e com o sujeito predizível de acordo com sua estrutura social, pois na pós-modernidade o sujeito é fragmentado: “as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais”. (HALL, 2003, p. 12)

Cercado pelos portugueses e ingleses que disputavam a posse de parte do território imperial de Gaza, em uma época posterior ao *Ultimatum* (1890), Ngungunhana tinha acesso a um novo tipo de civilização, principalmente ao cristianismo, às armas de fogo e às bebidas alcoólicas, fatores que influenciaram sua identidade sociocultural.

4. O conto “Os Ossos de Ngungunhana” (2004), de Marcelo Panguana: o retorno à pátria no período de pós-independência

Em entrevista a Alexandre Chaúque, do Jornal *Verdade*, publicada na edição de 11 de outubro de 2011, à questão intitulada “Algumas pessoas que te conhecem dizem que, em termos de performance literária, não deves nada a um Ngugi Wa Tiongo, Eza Boto, Dambuzu Marechera, Wanhenga Xitu... – concordas com eles?”, Panguana¹⁶ responde:

CLARO que não. São escritores que pertencem a países onde o tratamento que se dispensa à cultura, e particularmente à literatura, é diferente. Provavelmente com elites mais receptivas à arte e por isso eles tiveram a possibilidade de explodir. Não me comparo a esses senhores. Mesmo em Moçambique não passo de um escritor de periferia. (CHAÚQUE, 2011, p. 6)

O conto “Os Ossos de Ngungunhana”, que evoca o cotidiano de mortos e vivos em um cemitério, tema presente em narrativas populares de dimensão “sobrenatural”¹⁷, está dividido em sete partes, separadas por asteriscos¹⁸.

16 Marcelo Panguana fala ronga e vive em Maputo. Diretor da revista *Proler*, atuou no jornal *Notícias*, no início dos anos 1990, como diretor de uma página cultural chamada *Xipalapala* que abordava temas diversos como literatura, cinema, fotografia, etc. Além de *Os Ossos de Ngungunhana: estórias* (2004), Panguana logrou publicar: *As vozes que falam de verdade* (1987), *A balada dos deuses* (1991) e *Fazedores da alma*, em co-autoria com Jorge Oliveira (1999).

17 Ana Mafalda Leite, em *Literatura moçambicana: herança e reformulação*, constata ser “uma constante nas narrativas pós-coloniais, que partilham a autobiografia, a narrativa mítica, e utilizam recursos a procedimentos e formas orais”. Na cultura interiorana africana: “Conversar não é apenas trocar ideias, antes contar histórias que exemplificam as ideias”. Para Leite: “Estes novos narradores repõem, na escrita, a arte griótica, o maravilhoso do era uma vez e, refrânica e encantatoriamente, vêm contar a forma como se conta, na sua terra, encenando as estratégias narrativas, em simultâneo à narração” (LEITE, 2003, p. 89 e 92).

18 1- Proclamação oficial do regresso da urna funerária de Ngungunhana a Maputo para homenagens; 2- Anúncio do imperador de que aceita a viagem de volta; 3- Descoberta da farsa arquitetada por Godide e os outros nobres que colocam os restos mortais de um português na campa do imperador; 4- Durante a cerimônia oficial de despedida, a urna funerária se abre e o morto vivo exige o retorno ao seu túmulo, mas é trancado de novo; 5- Acolhida retumbante da urna em Maputo. Somente Ngungunhana ali

Ngungunhana, o da urna funerária e o ficcional, regressa no ano de 1985 a Maputo, dez anos depois da independência (1975). A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fundada, em 1962, com o objetivo de libertar o país do jugo colonial, transformou-se em partido político de cunho marxista-leninista, assumindo o poder em 1977. Mas nem todos aceitaram a situação, e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), de caráter anticomunista, esteve à frente da guerra civil (1976-1992), que era conhecida também como guerra dos matsangas, nome alusivo ao comandante Matsangaíssa. A capital tinha sofrido o êxodo rural de pessoas fugitivas dos conflitos militares, muitas delas eram crianças órfãs.

O coveiro Aleixo, incumbido de zelar pela campa do imperador, e que circulava entre os vivos e os mortos, trouxe com lágrimas nos olhos o jornal com a notícia do retorno, enquanto Godide, Molungo e Zichacha jogavam cartas, mas pararam com a aproximação do imperador: “[...] e, como sempre o faziam quando Ngungunhana se aproximava, levantaram-se e perfilaram-se, respeitosamente, tal como o fariam os homens da sua corte nesses tempos distantes do império”. Ficaram surpresos com:

[...] as palavras do monarca, isto é, que tendo chegado a terras portuguesas acompanhado do seu séquito, com todos devia regressar para celebrar o reconhecimento de todo um povo; heróis eram todos os seus acompanhantes e, por isso, lhes pertencia a glória e a posteridade. (PANGUANA, 2004, p. 4)

Ngungunhana, que era esperado por causa da necessidade de o povo possuir “novos símbolos”, refletia sobre o regresso:

Pensava. Mais valia permanecer no exílio acompanhado dos seus e da aguardente do coveiro Aleixo, que regressar à sua terra, onde, num dia triste memória, fora expulso depois de ser derrotado e humilhado diante de sua gente. Não era esse cemitério a sua terra definitiva? A pátria de qualquer homem, não é afinal, o lugar onde repousam para sempre os seus restos? (PANGUANA, 2004, p. 4)

Decidido a aceitar o convite oficial, o imperador, entretanto, convocou uma reunião, ordenando que fosse tocado o xipalapala, segundo a tradição de assembleia popular na corte de Gaza: “É certo que não vieram a correr os seus guerreiros, nem sequer os seus conselheiros, muito menos o seu povo submisso, vieram, sim, todos os que com ele protagonizaram aquela forçada diáspora que durava há anos!” (PANGUANA, 2004, p. 5)

Para evitar o esquecimento deles, caso Ngungunhana retornasse ao Índico, o grupo amigo planejava um banquete para embebedá-lo, a fim de roubarem seu cadáver e colocar o de outra pessoa na urna funerária. O imperador, entretanto, saiu logo da reunião festiva para dormir pela última vez em sua campa, antes de embarcar para a grande viagem oceânica. Perto dali, viu um cortejo de soldados que transportavam uma urna enrolada com a bandeira moçambicana. Ao saber que ali estavam seus restos mortais, protestou, afirmando que tal lugar lhe pertencia e não a um impostor qualquer. Ao regressar junto aos seus, percebeu a farsa tramada e proferiu um discurso inflamado com ameaças e gritos, declarando o seu retorno:

A fera que existia dentro dele e que ao longo de anos em exílio havia adormecido, despertou. O lugar encheu-se de ameaças e de gritos, nos seus gestos e na expressão do seu rosto reconheceram o homem feroz que ao longo de décadas havia aterrorizado tribos inteiras e mandara matar, com a maior naturalidade, os que tiveram a ousadia de o desobedecer ou atraiçoar. (PANGUANA, 2004, p. 7)

presente sabe do embuste; 6- Passeio do imperador pela cidade totalmente transformada e encontro com um menino jornalista órfão; 7- Emoção de Ngungunhana por causa das notícias e fotos da comemoração. Na saída de um estabelecimento sem pagar a conta, ele é cobrado, mas se recusa por ser o imperador de Gaza.



Na cerimônia oficial de despedida do imperador, em Angra do Heroísmo, em que “A história e a hipocrisia entrecruzam-se no ar” (PANGUANA, 2004, p. 7) no momento em que o orador proferia seu discurso solene, a urna se abriu e o defunto português declarou que não tinha autorizado sua saída e que queria retornar à sua campa. A urna foi fechada e o pedido não foi atendido. Ocorreu o regresso triunfal dos restos mortais de Ngungunhana e, somente o imperador, que também ali estava, na capital, sabia da impostura.

Em passeio urbano, ele manifestou surpresa diante de tantas transformações urbanísticas e sociais naquela cidade:

[...] que nesses tempos distantes fora pertença exclusivamente dos brancos e que pisaria pela última vez, antes de o meterem no navio que haveria de o levar para a terra distante friorenta, chamada Portugal. Reparou, com espanto, como eram poucos os brancos que circulavam pela cidade, ao contrário doutros tempos. Os negros, esses, ocupavam os carros que desfilavam pelas avenidas, preenchiam as cadeiras que decoravam os cafés, saíam dos sumptuosos edifícios que se erguiam até as alturas inexpugnáveis. Nas ruas, homens de fatos escuros e pastas penduradas nas mãos, cruzavam-se em cada esquina, indiferentes à presença do homem de estatura baixa que os observava atentamente. (PANGUANA, 2004, p. 9)

Ngungunhana, admirado pelo grande número de negros de padrão socioeconômico elevado, senta-se em um café, onde lhe sugerem hambúrguer, que, ao ser servido, lhe causa espanto: “Era aquilo que o seu povo lhe oferecia na hora da sua chegada? Esqueciam-se de que havia sido ele, e mais ninguém, que os ensinara a lutar contra os estrangeiros que usurpavam as suas terras?” (PANGUANA, 2004, p. 9 e 10). Atônito saiu e encontrou na rua um menino que o fitou com “ternura sem limites, como se estivesse diante de alguém que conheceria há bastante tempo”. Com o pequeno jornalista, que tinha perdido os pais na “guerra dos matsangas”, o imperador manteve uma breve conversa:

– Quem cuida de ti?
– Na rua criamo-nos uns aos outros.
– Estudas?
– Oiço as pessoas quando falam. Escuto a rádio. Roubo um livro.
Leio um jornal. Aprendo os segredos da vida.
(PANGUANA, 2004, p. 10)

Em uma esplanada, o imperador leu o jornal, comprado ao menino. E, satisfeito com a aclamação e comoção das pessoas diante da passagem de sua urna funerária, segundo as notícias, Ngungunhana não tinha dúvidas: “o povo, passado o temo que passou, ainda o idolatrava!”. A leitura da reportagem “O regresso do imperador” faz com que o narrador do conto conteste o conteúdo da urna funerária, bem como o local onde seria colocada:

Como se não bastasse esta sensação de dúvida e suspeita que cerceia os restos mortais do imperador, pensa-se encarcerá-lo, não na praça dos heróis, mas num exíguo espaço que um verdadeiro rei, como ele, desmerece, como se não tivessem sido suficientes os dolorosos anos de exílio que passou numa terra distante chamada Açores. (PANGUANA, 2004, p. 11)

O jornalista questiona ainda a solidão do imperador, que tinha aterrorizado os portugueses e que ficaria nas proximidades de seu algoz:

O imperador de Gaza, o mesmo que há centenas de anos colocou os colonialistas portugueses em profundo alvoroço, embora seja hoje aclamado herói, corre o deselegante risco de não ter visitas, nem sentinelas, nem sequer uma vela, um incenso, nem nada, à pouca distância de Mouzinho de Albuquerque, montado no seu cavalo de sempre, de botas altas e sabre reluzente,

continuando a vigiá-lo, cem anos depois da batalha que ditou o desmoronamento do Império de Gaza. (PANGUANA, 2004, p. 12)

Emocionado, com lágrimas nos olhos, Ngungunhana não sabia quem era o autor daquele artigo, acreditando ser alguém de sua tribo que se insurgia contra aquelas injustiças. Na verdade, o imperador era indiferente ao local final onde seria depositada a urna que era habitada por um português, mas conclui que:

Talvez não permaneça na fortaleza muito tempo e decidiram o enviar para a sua terra, pois assim vêm o exigindo, há décadas, os da sua origem. Se em vez do seu forçado exílio tivesse morrido em pleno combate, os seus guerreiros o teriam enterrado algures nas matas de Gaza, onde, uma vez por ano, gente de todos os lugares viria depositar em seu monumento os seus maviolosos cânticos e muitas lágrimas. (PANGUANA, 2004, p. 12)

O imperador de Gaza, chefe de um exército imenso que tinha bravamente se engajado contra o invasor português, gostaria de ter caído em campo de batalha na sua terra, onde poderia ser honrado pelos seus súditos, ao invés de viajar pelo oceano rumo aos Açores na condição de prisioneiro de guerra em uma diáspora perpétua.

5. Conclusão

A histórica reação em Lisboa por causa da prisão de Ngungunhana (1895) ocorreu, pois Portugal, humilhado pelo Ultimato (1890), necessitava de um “herói da África”, de um mito fundador do engajamento colonial, como Mousinho, considerado defensor da civilização lusa, ameaçada pelos nativos.

No conto “Os Ossos de Ngungunhana” (2004), Marcelo Panguana evoca e humaniza o mito fundador da nação moçambicana, construído pelo governo Samora Machel para unificar as diversas etnias em torno de um herói nacional comum, retirado de sua diáspora atlântica para ser aclamado em Maputo.

Conforme Hall esclarece na palestra “Pensando a diáspora”:

Os mitos fundadores são, por definição, transistóricos; não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente a-históricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio. (HALL, 2011, p. 29)

A respeito da diáspora africana, Paul Gilroy, na obra *O Atlântico negro* (Cap. 6), se refere a distintos povos, raças e etnias denominadas de negros pelo colonizador europeu, os quais cruzaram o oceano rumo à América na condição de escravizados. O autor inglês não menciona uma diáspora negra diferente, a de Ngungunhana e membros da nobreza, que foram aprisionados, encarcerados e levados, em 1896, para o exílio perpétuo, sem julgamento.

O não conhecimento ou esquecimento de Gilroy em tematizar outro tipo de diáspora atlântica no contexto colonial, a de pessoas livres, corrobora a necessidade de evocar a memória do imperador de Gaza, conforme o fizeram alguns escritores moçambicanos. Em um processo de reflexão sobre a história colonial de Moçambique, principalmente do século XIX, várias narrativas abordam a ascensão e queda de Ngungunhana: *Ualalapi* (1987), de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, de Paulina Chiziane (2009), (2010), *Ngungunhana: Uma lenda na história de Moçambique* (2011), de Eduardo Quive, e *Mulheres de Cinza* (2014), primeiro volume da trilogia *As Areias do Imperador*, de Mia Couto. *Ngungunhana: o último rei de Moçambique* é de autoria do português Manuel Ricardo Miranda. Eles revisitam, de forma crítica, a



construção dos dois erigidos mitos no panteão militar e no imaginário colonial português: o do herói Mousinho e o do inimigo Ngungunhana, o do vencedor e o do vencido.

De acordo com a obra *Identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall, a trajetória do histórico Ngungunhana, na narrativa de Marcelo Panguana, pode sugerir, ironicamente, que ele poderia ser classificado como sujeito sociológico, pois sofrera influências culturais externas ainda na época de seu império e, no exílio açoriano, sua identidade se tornara mais híbrida, já que ele recebera outro nome, fora alfabetizado e batizado, aprendera a língua portuguesa, começara a usar roupas europeias e a se alimentar à maneira açoriana, entre outros aspectos.

O conto “Os Ossos de Ngungunhana”, de Marcelo Panguana, evoca uma diáspora atlântica, vivenciada no cemitério de Angra, onde mortos e vivos mantêm contato e o imperador, que viaja através do tempo e do espaço, preservando ritos de formalidade e reverência, como na terra natal, em Gaza, mas incorporando outros hábitos, como o de falar a língua portuguesa. Ngungunhana chega à antiga cidade Lourenço Marques, de onde começou a sua amarga diáspora rumo ao desconhecido. No seu regresso, depois de sua experiência de exílio, o imperador encontra-se em uma cidade cosmopolita, sem ligação nenhuma com a antiga urbe portuária, fato que em sua percepção de imperador seria uma segunda diáspora: a de um sujeito com pertencimento fragmentado e com identidade em colapso (Hall).

Ngungunhana passeia pela cidade e chama a sua atenção a presença mínima de brancos, uma criança negra vendendo jornal, vítima de uma outra faceta da guerra pós-colonial e, principalmente, um alimento a ele sugerido pelo garçom tem caráter simbólico: um hambúrguer, ícone do imperialismo dos Estados Unidos da América e do neocolonialismo capitalista do final do século XX que já tinha invadido Moçambique.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Joaquim Mousinho de. *A prisão do Gungunhana*. Capitão e Cavallaria. Lourenço Marques: Typographia Nacional Sampaio & Carvalho, 1896.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHAÚQUE, Alexandre. “Os escritores, tal como o próprio país, estão a crescer”. Entrevista concedida por Marcelo Panguana. *Jornal Verdade*, edição de 11 de outubro de 2011. Disponível em: <<https://literatas.blogs.sapo.mz>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

DIÁSPORA. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1spora>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ENNES, António. *Guerra d’África em 1895: memórias*. Lisboa: Typographia do “Dia”, 1898.

GARCIA, José Luís Lima. Mousinho de Albuquerque e o aprisionamento do Gungunhana em Chaimite. ESEG Investigação: *Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda*, n. 5, p. 117-131, 2008.

GILROY, Paul. “Uma história para não se passar adiante”: a memória viva e o sublime escravo. In: _____. *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência*. Trad. de Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012. cap. 6, p. 351-416.

HALL, Stuart. “A identidade em questão”. In: _____. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Trad.

de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. p. 9-16.

_____. *Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior*. In: _____. *Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Org. de Liv Sovik; Trad. de Adelaine L. G. Resende et alii. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 25-48.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.

MEMÓRIA GUNGUNHANA: Um herói para Moçambique. Grande reportagem 190, 28 de agosto de 2004. Disponível: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/GungunhanaGR2004.doc Acesso em: 1 dez. 2015.

MORENO, Helena W. "Gungunhana em dois tempos". *Mouro: Revista Marxista*, ano 1, n. 2, p. 124-137, jan. 2010.

O ULTIMATO BRITÂNICO DE 1890. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ultimato_brit%C3%A2nico_de_1890. Acesso em 11/11/15.

PANGUANA, Marcelo. "Os Ossos de Ngungunhana". In: _____. *Os ossos de Ngungunhana: Estórias*. Maputo: Imprensa Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2004. p. 1-13.

PÉLISSIER, René. *História de Moçambique: Formação e oposição 1854-1918*. 3. ed. Trad. de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 2000. v. 1.

SANTOS, Gabriela Aparecida dos. *Reino de Gaza: O desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821-1897)*. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007.

VANSINA, Jan. Prefácio. In: HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. Prefácio de Jan Vansina. Introd. de Linda M. Heywood. Tradução de Ingrid de Castro V. Fregonez et alii. 1. ed., 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-9.

VILHENA, Maria da Conceição. *Gungunhana: Grandeza e decadência de um império africano*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

WHEELER, Douglas L. Joaquim Mouzinho de Albuquerque (1855-1902) e a política do colonialismo. *Análise Social*, v. XVI (61-62), p. 295-318, 1980.

ICONOGRAFIA

Figura 1- O Imperador e sua corte na diáspora (Angra do Heroísmo, Açores) com nomes e trajes europeus, batizados e alfabetizados. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais5/Acores/465_Acores.jpg>. Acesso em: 5. fev. 2016.

Figura 2- Ngungunhane e duas concubinas, a bordo do vapor português África, rumo a Lisboa, cercados de curiosos (Edição do *Diário Ilustrado*, de 15 de Março de 1896). Disponível em: <http://delagoabayworld.wordpress.com/category/historia/gungunhana/>>. Acesso em: 5. fev. 2016.

Figura 3- Urna de Ngungunhana na Fortaleza de Nossa Senhora de Maputo. Disponível em: <<http://sulafrica.blogspot.com.br/2008/06/fortaleza-de-nossa-senhora-da-conceio.html>>. Acesso em: 5. fev. 2016.

Trabalho recebido em 29 de março de 2016 e aprovado em 20 de abril de 2016.

